

PIN Desenha'12

Desenhar o Gesto

TEXTO: ELSA GARCIA
FOTOGRAFIA: EDUARDO SOUSA RIBEIRO



Livro "PIN Desenha'12"



Maria José Oliveira



Maria José Oliveira



Lúcia Abdenur



Rudolph Ruthner



Inês Nunes

Cristina Filipe, Maria José Oliveira e Raquel Soares, são as três mentes produtoras do Projecto Pin Desenha'12. Uma ideia poética que resultou de uma parceria entre a PIN (Associação Portuguesa de Joalheria) e a Trienal Movimento Desenha 2012.

Corpo / Gesto / Linha e Movimento constituíram o tema principal para o desenrolar de todo um novelo de ideias que consistiram numa exposição, um livro/objecto e uma agenda. As três produtoras deste projecto tiveram uma grande sinergia e adoraram trabalhar em conjunto. Deu-se uma boa interacção, envolveram-se com grande intensidade e no final do projecto a emoção que resultou foi a nostalgia.

Como surge a ideia para o projecto?

CRISTINA FILIPE Tudo partiu de um convite feito a Raquel Soares por parte da Trienal Movimento Desenha 2012. Entretanto a Raquel contactou a PIN e começámos a pensar na melhor forma de estruturar a nossa participação. Surge então a ideia de fazer um projecto de desenho colectivo, materializado em livro e em que todos os associados da PIN deveriam participar.

O livro que acaba por ser um objecto único, uma espécie de escultura, materializado numa caixa de luz com desenhos no seu interior. O que as levou à concepção de um livro?

RAQUEL SOARES O mote foi o movimento, o desenho, a contaminação e assim surge a ideia de desenhar a partir de um alfinete. Tratou-se de uma extensão do gesto e a sua representação com o picotado, dando início à primeira história: picotar no vegetal, picotar o gesto. Acto que remete para alguns trabalhos escolares da infância, com uma esponja e um pingo em madeira, que hoje em dia já não existe. Segue-se a ideia de compilar todos estes desenhos num livro, e a autoria competiu à Maria José Oliveira.

MARIA JOSÉ OLIVEIRA Eu costumo fazer muitos livros de artista e o último foi composto por 500 folhas de acetato em que o desenho de um ovo se introduz no vazio das 500 folhas. Compilei esse trabalho dentro de um livro feito em acrílico e a partir daí surge a ideia e uma adaptação a esse trabalho. Acabou por ser uma inspiração e apercebemo-nos que era possível fazer uma encadernação em acrílico formalizando um livro-caixa.

E como é que funcionou a logística do livro? As pessoas foram picotando e enviando os desenhos?

M.J.O. Sim, criámos um apartado para receber os trabalhos e cada participante poderia enviar entre um a dez desenhos. Houve pessoas que entregaram apenas um desenho, outras quatro, sete, era variável. Houve poucas a participarem com dez.

Decidiram posteriormente ir para além do desenho e pedir a cada participante que materializasse o desenho em formato pin, mas estes não correspondem aos pins físicos.

R.S. A interpretação era livre no sentido em que o criador poderia querer que a leitura fosse mais directa ou mais abstracta. A leitura entre o vegetal e a materialização da peça, não teria que ser literal, mas alguns são. Por exemplo, a Catarina Dias fez o picotar de um martelo, e o pin que apresentou é um martelo. Mas, houve pessoas que fizeram adaptações completamente abstractas.

E como foi todo o decorrer do processo, desde a ideia do livro à própria concepção dos pins, e como foi feita a selecção das peças?

C.F. Demorou um ano, mas cada pessoa teve o seu próprio processo. Não houve selecção das peças e esse foi o grande risco, mas a ideia era que fosse um projecto não elitista e democrático. No entanto houve trabalhos que eram inaceitáveis e tivemos que pedir a algumas pessoas para os refazerem. Este problema deu-se porque algumas pessoas subestimaram o projecto e não investiram o suficiente nos pins.

Existem joalheiros que gostariam que tivessem participado neste projecto e não o fizeram?

C.F. Sim, mas esse é o estigma das pessoas que já têm um certo nome e não se envolvem nestas ideias, porque acham arriscado ou menor. Claro que há um bom grupo de nomes, mas existem alguns que gostaríamos que tivessem participado.

Com o livro recheado de desenhos e os pins materializados, haveria que expô-los e escolheram a Giefarte. Porquê uma galeria de artes plásticas?

M.J.O. Lembrei-me da galerista, com quem trabalho há quase 30 anos, a Maria da Graça Carmona e Costa. Fazia mais sentido e ao mesmo tempo deu credibilidade ao pin e ao projecto, e escolhemos uma galeria de arte como estratégia, como uma forma de abrir os públicos.

A própria forma como a exposição foi elaborada é muito conceptual. A escuridão da galeria, a existência de uma lanterna à entrada para visualizar os pins e as sombras que estes projectavam na parede. Como é que tudo isto surge?

R.S. Por etapas. Houve sempre a preocupação que o livro assumisse o protagonismo e que a luz que este emanava fosse automaticamente detectada, e só depois surge a ideia de projectar as sombras dos pins.

Acabou por ser uma exposição dinâmica pois as pessoas podiam mexer nos desenhos do livro e experimentar os pins.

C.F. Sim, os pins estavam à venda e havia pessoas a passear pelo espectador com os mesmos colocados no corpo. Circulavam no meio do público com uma lanterna apontada para o pin enquanto seguravam na agenda.

E são três elementos dissociáveis: o livro, a exposição e a própria agenda. Podem viver isoladamente?

C.F. Sim, e agenda foi o último passo, só surge depois, como uma espécie de catálogo. Colidem o final do ano, o número de participantes e o facto de a PIN conceber uma agenda. Este ano, ao haver um projecto montado, que ia inaugurar em Novembro, com 50 participantes, que é mais ou menos o número de semanas do ano, decidimos lançar o repto às pessoas que participaram.

E como surgem os joalheiros brasileiros no projecto? Uma feliz coincidência com o ano de Portugal no Brasil?

C.F. Foi uma feliz coincidência e foi inclusive a Madalena Braz Teixeira, Presidente de Mesa da Assembleia da PIN, que me chamou a atenção para esse facto. Entrei em contacto com o comissariado, acharam muito interessante a ideia, deram-nos a chancela e compraram-nos 40 agendas para formalizar o apoio institucionalmente e também nos apoiaram no transporte das peças. Os brasileiros são membros da PIN e sempre muito participativos e empenhados.

No fim fica o livro como representação de todo o projecto e este acaba por se tornar numa obra única.

C.F. Absolutamente, e pertence à PIN. Uma obra fechada para a qual os desenhos foram doados. Pode ser comprada por uma instituição ou museu e o dinheiro reverte a favor da PIN, em que uma parte é obrigatoriamente para aplicar num outro projecto colectivo.